

GT42: Experiências contra-hegemônicas em Memória Social e Patrimônio Cultural

Regina Abreu, José Maria da Silva

O GT pretende reunir trabalhos que focalizem experiências contra-hegemônicas no campo da Memória Social e do Patrimônio Cultural construídas à margem e em dissonância com o neocolonialismo. A intenção é abordar propostas, caminhos e perspectivas que coloquem em cena diferentes paradigmas culturais e de outros processos civilizatórios, com seus sistemas de conhecimento e práticas de memorização que foram e são invisibilizados. Especial atenção será conferida a referências de memória coletiva e social entre populações quilombolas e indígenas, comunidades tradicionais, coletivos emergentes, coletivos de mulheres, movimentos sociais, entre outros segmentos, expressas pelos sistemas singulares de produção agrícola, de conhecimento medicinal e ambiental, de visões de mundo, de cartografias sociais, culturais e de lugares de memória, de fabulação em torno do mágico e do sagrado, de mitos e rituais. Procuraremos perceber a atualidade de formas expressivas de relacionamento com diferentes concepções de tempo e de patrimônios, onde habitam seres humanos e não humanos, nos quais são partilhadas diferentes formas de ordenação do pensamento, da memória social e da relação com a terra e o meio ambiente, como em eventos alusivos à memória de movimentos sociais, em feiras de troca de sementes crioulas, em iniciativas de hortas e farmácias comunitárias, em processos de autodemarcação territorial, em reivindicações de propriedade intelectual, entre outros.

Tecituras e emaranhados criativos: A "fotrica" como malha e possibilidade de reemergência da memória coletiva

Autoria: Aline de Jesus Maffi

Este texto busca propor alguns apontamentos sobre a fotrica, como uma malha relacional e um movimento de composição que articula memórias e trajetórias, partindo de reflexões mobilizadas por fotografias na medida que esses dispositivos podem movimentar relatos orais de mulheres que compartilham o mesmo contexto comunitário. Nesse sentido, apresento correlações teóricas iniciais que fundamentam o que estou denominando como fotrica, a qual começa a se constituir como uma abertura caracterizada pela possibilidade de tensionar a ideia de futrica - recorrentemente entendida como fofoca, intriga, mexerico e fuxico -, por meio do pressuposto comunicacional que essa terminologia carrega, a fim de buscar elementos à proposição da noção de fotrica. Inserida em uma pesquisa fotobiográfica, fundamentada na perspectiva de Bruno (2007), a fotrica é pensada como um movimento relacional e metodológico de criação que se expressa no cruzamento de trajetórias de mulheres, interlocutoras da pesquisa "À margem do visível: processos de identificação, ruralidades, memórias e as trajetórias de mulheres em fotobiografias", em curso na Zona Rural de Londrina/PR, no Distrito de Maravilha. A instituição e anexação desse distrito ao território de Londrina ocorre na década de 1970, entretanto já havia a organização de um povoado nessa região desde meados de 1940. A história oficial das/os moradoras/es de Maravilha, contudo, é vinculada à narrativa hegemônica sobre a história de Londrina, associando-se a uma perspectiva historiográfica repleta de silenciamentos e invisibilidades. Nesse sentido, ao propor o cruzamento de trajetórias de mulheres, com faixa etária entre 60, 70 e 80 anos, na composição conjunta de histórias de vida, a fotrica se constitui como uma tecitura - ou seja, como uma reunião de fios entrelaçados - que pode possibilitar caminhos que visibilizem os sentidos de uma memória coletiva e práticas de memorização, até aqui invisibilizadas, construídas e mobilizadas por mulheres que partilham uma territorialidade, na medida que essas histórias de vida estão inseridas em um conjunto de relações (KOFES, 2015). Para isso, em um primeiro momento, trarei alguns apontamentos filosóficos e

antropológicos sobre a terminologia gossip, isto é, fofoca ou futrica. Para, em um momento subsequente, propor um diálogo com Deleuze e Guattari (2001) e Ingold (2012; 2019), a fim de buscar, na articulação das categorias outrem, relação, coisa e malha, fundamentos à proposição da noção de fotrica. Nessa perspectiva, a fotrica é composta como uma possibilidade contra-hegemônica de articulação de fotobiografias, buscando possibilitar a reemergência de uma memória coletiva sobre uma territorialidade compartilhada.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

